

# A TODXS QUE PERGUNTAM SE ESTOU BEM

por **Maurício Caetano da Silva**

Não, não estou. Se falei que estava ou que estou é porque quis poupar os “curiosos” do trabalho árduo de entender que sinto falta de várias coisas não explicáveis. Algumas já reconhecidas e matadas com bons amigos e bons quitutes. Outras ainda não foram solucionadas e nunca serão (?). Dentre estas eu reconheci a maior das minhas saudades: me sentir bem dentre as mulheres, já que nunca me senti (tão) bem dentre os homens.

A partir daqui soarei machista, mimado, edipiano, mais chorão do que o Dado Dolabella. Desista aqui ou aceite a resposta sobre meu estado emocional, sobre o meu, apenas o meu, corpo.

Sempre me senti acuado em espaços que só tinham homens. Porque? Bom, olhem para mim. Futebol, não. Qualquer outro esporte também não. Mulheres, pegação, homens, pegação, nem fodendo te conto como acontece. Cerveja, é tudo igual depois do 2º copo. Sempre foi assim, com desenhos japoneses, vídeo game, tazo, carro. Odiava o Senninha, mas



gostava do Cascão, do Tigre Tiger, da Mônica, Chiquititas e É o Tchan. Enfim. Lugares mistos sempre me aconchegavam. Amizades só depois de velho. Amizades masculinas só depois de saber que estas eram tão andrógenas quanto uma sandália havaianas.

Um lugar que sempre me senti bem: na cozinha de casa. Sim. Não era por paixão à culinária, por gostar de lavar louça, por achar o lugar mais fresquinho da casa, mais próximo da larica ou por afinidade espiritual. Eu gostava da cozinha porque era onde minha mãe estava, sempre conversando em tom de segredo, com alguma de suas muitas confidentes. Sim. Minha mãe fofocava assim como todos fazemos e faremos. Fofoca é estratégia de segurança e saúde pública! E todos fazem, fizeram e farão. Me protegi de muitas coisas aprendidas em fofocas, protegi muita gente através da fofoca e isso sempre vai acontecer. Além dos ensinamentos e alívios vindos de uma boa conversa trivial. Enfim, a cozinha era minha diversão, onde eu lidava com a alteridade, conhecia histórias de pessoas e sabia quem precisava de ajuda ou não, assim como eu. Claro, sempre calado, fazendo o menor barulho possível para não incomodar e me tirem do meu posto de observador oblíquo. Acho que vem disso meu gosto por escutar. Quanto mais escuto mais eu escuto e mais larica eu como.

O fato é: naquela época, quando ainda era visto como uma criança (!), meu pênis não interferia na minha circulação em muitos espaços (cozinhas, banheiros, quadras, piscinas, salas, ruas etc.), assim como eu não era uma ameaça para ninguém. Brincar com as primas podia, dormir no mesmo quarto que as primas, podia, ir andar na trilha com as primas, e na hora da mijada um vigiar o outro, também podia. Ouvir coisas de mulheres podia, desde que eu não atrapalhasse. Em quantos banheiros femininos do McDonalds eu entrei?! Até eu ter pênis.

O pênis!!! Devemos conversar seriamente com as crianças sobre a descoberta do pênis.

Com ele (meu pênis) eu não tinha mais acesso a muitos espaços de socialização. As colegas do colégio já me viam como um flerte/perigo/espião/oponente/aquelequenãodevesabercoisasdemeninas,

mas tinha os colegas. Hahahahahahaha. Estes me viam como ocaracomgostosestranhos/aquelequenãosabeusaropênis, mas eu me virava.

Outra habilidade desenvolvida foi: Eu faço da minha vida o que eu quiser e para me desgastar menos com você eu respondo apenas o necessário para ser educado.

Segui em frente e me descobri “uma sandália havaianas”, conveniente e sem pretensões. Achei outras havaianas, umas mais modernas, outras mais ousadas, mas todas pouco se fodendo para o meu pênis.

Mas meu pênis é muito mais do que meu. Ele ainda continua me limitando a trocar, a conhecer, a ser uma companhia confortável, a ser alguém irrestrito, porque ele é considerado a representação da violência físico-simbólica. Ele me veste de invasor/punheteiro.

Fui feito, me fiz, me fizeram, assim.

2014 foi o ano que conheci a minha maior limitação: não posso ser pleno em todos os lugares. Não há mais troca sem a advertência “ele tem um pênis”. Não há mais minha presença sem eu pensar no meu e no dos outros. Dentre tantas saudades quase inexplicáveis a qual reconheci e vou dividir é: saudades do tempo em que minha mãe não se preocupava com a minha presença em suas conversas. Saudades do tempo em que eu não me preocupava em dividir segredos. Saudades de saber que elas (mãe, primas, colegas, amigas, irmã) não se importavam em dividir (mesmo que não sabendo) muitas coisas comigo, mesmo eu tendo um protótipo de pênis. Saudades do tempo que não lembro de ser reprimido por causa do meu pênis. Saudades do tempo que tinha a impressão que eu poderia acessar qualquer pessoa, longe de qualquer relação sexual.

Meu pênis me fez, me fizeram, me fiz. Hoje me limito a respeitar e aceitar os cortes no fluxo de informação causado pelo meu pênis. Tudo o que posso fazer é me contentar com a possibilidade de um dia ter podido trocar, mesmo quando nenhuma das partes sabia do fluxo dessa troca. Sou, me fiz, me fizeram, um estranho no útero em que me criei. Não tenho mais cadeira cativa na cozinha, sou espião sem nação.

Não posso mais dividir com aquelas que me fortalecem, não posso

dividir com aqueles que às ameaçam. Talvez as pessoas não SÃO mais sandálias havaianas, talvez elas ESTÃO em algum momento do dia, tanto elas quanto eles/eu. Talvez, como toda sandália, somos acessíveis e acessados em momentos oportunos.

Não posso mais me desvencilhar do musculo que me coloca longe do lugar que sempre gostei de estar: no limbo entre macho e fêmea. Me tornei macho, sem pedir. Me tornei macho culpado por gostar do meu pênis.

Caí fora do espaço que eu mesmo criei, porque me tornei um outro.

Sim, isto é ressentimento de um homem, de um macho, que não sabe o que fazer com seu próprio pinto. Talvez isso soe um contra discurso, uma revanche à ode feminista. Não é e não autorizo que me usem para isto. É apenas meu corpo. Um dos vários corpos que tenho que assumir a todo momento e que não está em questão. Meu corpo não está aberto para discussão porque é meu corpo e, se nem eu consigo e até agora ninguém se propôs, não será solucionado. Mas, assim como o corpo dxs outrxs e seus discursos, faço meu corpo ser ouvido.

Saudades do meu tempo de sandália havaianas.

**Maurício Caetano da Silva**

*Nascido em Embu das Artes, formado em Ciências Sociais é ator e palhaço. Escreve menos do que deveria e come muito.*





Hélio Beltrário. Modelo: Fernando Batista. 2015.

DIY  
ERU  
FICA